



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

ARTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: URDIDURAS, SABERES E PRÁTICAS LATENTES

ART AND INCLUSIVE EDUCATION: WEAVINGS, KNOWLEDGE, AND LATENT PRACTICES

Lenise Magalhães Chaves¹

Ana Lúcia Gomes da Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar como o uso dos materiais expressivos nas artes visuais, tais como desenho, pintura, colagem, escultura, instalações, vídeos, fotografias e histórias em quadrinhos, podem auxiliar o desenvolvimento do ser criativo e contribuir no processo de aprendizagem e desenvolvimento no contexto educacional inclusivo, além de analisar a importância do ensino das artes no reconhecimento de seu valor como espaço interno para a construção da autonomia e sensibilização, sendo um meio pertinente e uma possibilidade real de criar, experimentar, conhecer, aprender e ensinar em suas diferentes expressões artísticas. A pesquisa fundamenta-se no estudo da teoria já publicada, dentre as principais referências, as quais foram escolhidas por afinidade e reconhecimento da relevância e possíveis transformações no ensino da arte estão; Barbosa (1998), Ostteto (2010), Ostrower (1986) e Vigotsky (1999, 2017), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Base Nacional Comum Curricular (2016). O estudo possibilitou considerações sobre a arte e sua relevância no desenvolvimento emocional, social e cultural do indivíduo desde a infância, o entendimento da maneira que a arte e suas diversas linguagens artísticas podem intervir no estudo de outras áreas do conhecimento, podem facilitar processos inclusivos e o reconhecimento de que mesmo com a legislação, a arte ainda não ocupa um lugar efetivo e valorizado no espaço escolar.

Palavras-chave: Arte, educação inclusiva, aprendizagem, criatividade.

¹ Pós graduação em arteterapia (ICETV), Especialista em Ensino na Educação Especial (UFJF), Especialista em Educação e Direitos Humanos (UFU), Graduação em Pedagogia (Ufla), Graduação em Educação Especial (UNIasselvi), Graduada em Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais - Libras e Literaturas Brasileira e Surda. E-mail: lenisemagalhaes8@gmail.com.

²Doutora e Pós Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Currículo da PUC/SP. Graduada em Artes Plásticas e Pedagogia. Arteterapeuta. Professora aposentada da UFMS/ Câmpus de Aquidauana. Consultora no Instituto de Diversidade Intercultural – IPEDI. Mentora nos Cursos Atualiza e Diretora do Espaço Eco Pantaneiro. E-mail: analucia.scl@hotmail.com.



ABSTRACT

This paper aims to investigate how the use of expressive materials in visual arts, such as drawing, painting, collage, sculpture, installations, videos, photographs and comics can aid the development of creativity and contribute to the learning and development process in an inclusive educational context. Additionally, it sought to analyze the importance of teaching arts in recognizing its value as an internal space for building autonomy and awareness, being a relevant means and a real possibility for creating, experimenting, knowing, learning, and teaching in its different artistic expressions. The research is based on the study of published theories, among the main references which were chosen for their affinity and recognition of the relevance and possible transformations in the teaching of art, such as; Barbosa (1998), Ostetto (2010), Ostrower (1986), and Vygotsky (1999, 2017), the National Curriculum Parameters (1997), and the National Common Curricular Base (2016). The study allowed for considerations about art and its relevance in the emotional, social, and cultural development of individuals from childhood, the understanding of how art and its various artistic languages can intervene in the study of other areas of knowledge, facilitate inclusive processes, and recognize that even with legislation, art still does not occupy an effective and valued place in the school space.

Keywords: Art, inclusive education, learning, creativity.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo surgiu do desejo, do encantamento, da busca pela compreensão do modo como as crianças vão se constituindo, vão sendo grafadas pelas palavras, pelos gestos, pelas cores e pelas formas. A arte oferece um suporte valioso para os alunos com necessidades educacionais especiais ao evidenciar suas demandas e desafios. Ela contribui para um ambiente harmonioso que favorece o autoconhecimento, eleva a autoestima, melhora a percepção de mundo, fortalece as relações sociais, ao mesmo tempo que proporciona uma reflexão sobre o entorno.

Ao propor o uso da arte como uma forma de multiculturalidade e interdisciplinaridade, o artigo busca apresentar um estudo teórico acerca da questão. A multiculturalidade remete à relação de pessoas e culturas diferentes, ocasionando um enriquecimento pessoal sem que nenhuma cultura queira prevalecer sobre a outra, originando tolerância e conhecimento. Já a interdisciplinaridade, entendida como uma forma de conectar uma disciplina a outra, deve acontecer ainda na educação infantil, para que ao longo da vida escolar, essa associação aconteça de forma natural e eficiente.

As artes visuais podem ser entendidas como a expressão do pensamento através do uso de diferentes tipos de materiais e também expressa emoções, vontades, cultura, história, o meio e a identidade a qual pertence. O aprendizado da arte não compreende somente produções artísticas, mas também aquisição do significado do fazer, incentivando o desenvolvimento da percepção estética, quando relaciona o objeto criado ao seu sentido cultural, histórico e como parte dos vínculos sociais. Conforme aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC) “o fazer artístico deve ir além da diversão e relaxamento, ele deve oferecer ao aluno ferramentas para conhecimento de si e do mundo



e também como ferramenta interdisciplinar” (BRASIL, 1997, p. 32).

O mundo está sempre passando por transformações culturais, políticas, tecnológicas, sociais e estéticas que são consequências de longos processos de alternâncias de comportamentos, formas de agir, de pensar, hábitos que precisam ser compreendidos além de questões objetivas ou lógicas e também de aspectos impalpáveis e sensíveis na maneira como se percebe e entende o mundo.

Em relação à organização do artigo, inicialmente, discute-se o estudo da arte como um instrumento de aprendizagem, destacando o seu desenvolvimento gradual no contexto educacional e sua luta contínua para obter reconhecimento institucional. À medida que a criança assegurou sua posição na sociedade como sujeito participante e ativo na construção do próprio conhecimento, as diversas linguagens das artes visuais se tornaram foco de estudo para muitos teóricos.

Posteriormente, apresenta-se uma análise da história do ensino da arte no Brasil, das legislações que buscam compreendê-la como ciência, como uma importante ferramenta de aprendizagem, na busca de uma escola verdadeiramente inclusiva, com o objetivo de promover equidade no contexto escolar, abordando a teoria da relação da arte e do desenvolvimento infantil pautada no estudo de Vigotsky (1999, 2003) e, finalmente, a análise e algumas considerações finais sobre a pesquisa.

2 OS CAMINHOS E PROCEDIMENTOS PERCORRIDOS NA ELABORAÇÃO DA PESQUISA

Para Macedo (1994), a pesquisa bibliográfica é uma busca por informações ou uma escolha de documentos que adequam ou se correlacionam à problemática da pesquisa, tem como característica se desenvolver através de livros, artigos, periódicos, de fontes seguras e condizentes já elaboradas sobre o assunto aqui tratado.

Para alcançar a dimensão da problemática, primeiramente são abordadas algumas questões que orientam este estudo como: A educação estética pode aumentar as possibilidades expressivas? A arte na educação inclusiva é um momento de isolamento, ou uma possibilidade de aumentar as vivências e a cultura das crianças? A arte tem a mesma relevância que as outras matérias no currículo escolar? Para “desenhar” a pesquisa e fazer uma reflexão sobre o problema apontado, há um diálogo com autores em busca do aprofundamento da temática.

Em um segundo momento, há um enfoque da arte em seu contexto curricular, explicitando as normas e exigências da temática. Além disso, tem-se uma discussão sobre a multiculturalização e a interdisciplinaridade no ensino da arte e sua importância na (des)construção de conceitos e pré-conceitos. Aborda-se a fundamentação teórica do estudo,

sobre o desenvolvimento cognitivo da criança e os apontamentos das legislações vigentes em relação ao processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais e ao ensino da arte. Por fim, tem-se a flexibilidade e a dificuldade da relação entre teoria e prática do ensino da arte, tanto na maneira como as crianças elaboram suas formas de expressão, quanto ao que se refere as práticas pedagógicas inclusivas em sala de aula.

Para Ostrower (1987), a arte na escola pode destituir barreiras para a aprendizagem na educação inclusiva, quando aponta que, o conhecimento da arte abre esperança para que o aluno tenha uma compreensão do mundo, onde ele percebe ser possível modificar sempre a existência, que se pode mudar as referências, ser flexível, que a criação e a aceitação são indissociáveis e a transigência é condição fundamental para o aprendizado.

Ao construir a pesquisa sobre a arte, suas linguagens e sua importância para uma educação verdadeiramente inclusiva, são destacadas diversas questões históricas e contemporâneas, demonstrando a importância da educação estética e sua contribuição para o desenvolvimento do olhar sensível e crítico da criança. Desta maneira, há necessidade de trabalhar com os documentos oficiais referentes ao ensino da arte (BNCC e PNC), para entender e analisar o que os processos de pesquisas utilizados nestes documentos revelam sobre o desenvolvimento da aprendizagem e como ela pode se relacionar com a educação inclusiva.

Segundo Campioni e Paini (2016), deve-se reconhecer a necessidade de trabalhar a arte na educação inclusiva, pois ela proporciona um ambiente agradável, interessante, prazeroso para o aprendizado, introduz situações que estimulam o interesse para aquisição do conhecimento e estabelece um vínculo entre a sensibilidade e a criatividade, facilitando a socialização e resgatando a autoestima. Assim se faz necessário considerar fundamental, quase uma necessidade vital, o contato, a vivência e a experiência com a arte para o desenvolvimento e para a vida dos educandos.

A terceira parte do artigo faz uma associação das elaborações da teoria da relação da arte para uma educação inclusiva e do desenvolvimento infantil pautada nos estudos de Vigotsky (1999, 2017), na qual o autor trata a arte como uma criação humana atrelada a seu contexto social e psicológico. Portanto, torna-se possível o entendimento dos efeitos benéficos e fundamentais do estudo da arte para o desenvolvimento pleno de todas as crianças.

Para Vigotsky (1999), a arte pode ser compreendida como ação intencional do homem, como forma de recriar e transformar a realidade e o próprio sujeito em uma idealização de natureza social e histórica de seus processos psíquicos. É a criatividade humana que possibilita



a projeção no futuro, são os processos de criação que transformam a realidade e remodelam o presente.

2.1 TRAJETÓRIA DA ARTE PARA O AMBIENTE ESCOLAR: (RE) CONHECENDO A ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO

Segundo Ana Mae Barbosa (1998), a arte é importante na escola, especialmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem todos devem poder acessar esse saber. A arte promove o estímulo à inteligência, ao amadurecimento do gosto estético e as formas de pensamento, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da personalidade e da criatividade. No âmbito das atividades artísticas, o indivíduo é capaz de utilizar e aprimorar diversas habilidades, como a percepção, o raciocínio, a imaginação, a observação, bem como o senso crítico e afetivo. Dessa forma, eles desenvolvem métodos de trabalho próprios, utilizando os processos inerentes a cada linguagem artística.

A arte proporciona ao educando a oportunidade de desenvolver e enriquecer sua cultura, à medida que ele aprende a apreciar e conhecer diversas formas de expressão artística e culturais. Por meio das produções artísticas em suas múltiplas linguagens, como pintura, dança e música, o indivíduo expande seu entendimento cultural e estético. Assim, a arte atua como uma ferramenta essencial na formação integral do educando, promovendo a valorização e a preservação da diversidade cultural.

Para Martins (1998), desde a colonização portuguesa em terras brasileiras, recebemos influências de várias culturas que incorporamos, metabolizamos e configuramos na diversidade cultural nacional que também são expressas em particularidades regionais. A diversidade e a unidade de um país se expressa pela sua música, seu teatro, sua dança, seu folclore, sua poesia, sua literatura, suas artes plásticas.

A arte deve ser compreendida como uma ferramenta pedagógica poderosa, fundamental para o desenvolvimento das crianças e jovens no ambiente escolar. Tratar a arte como conhecimento é ponto fundamental e condição indispensável para o foco do ensino da arte. Nesse contexto, o ensino da arte transcende a esfera disciplinar, abrangendo diversos campos de conhecimento e conseqüentemente, proporcionando benefícios amplos para a educação como um todo.

Para Cunha (2012), desde a pré- história seres humanos se utilizam de símbolos particulares que foram construídos socialmente para expressar mundos subjetivos e objetivos. Esta vontade de caracterizar o mundo de outra maneira vem junto com a humanidade até os



dias atuais.

Ana Mae Barbosa (1998), aponta que precisamos aprender a ler as imagens e isto na contemporaneidade se faz fundamental, pois, existe um bombardeio de imagens e informações todo o tempo, na publicidade, na política, na internet, no supermercado e se não criamos o hábito de lê-las, vamos recebendo-as de forma inconsciente e acrítica. O ensino da arte se faz fundamental neste processo e pode a partir da primeira infância criar sujeitos leitores e críticos de outras formas de expressão, para além da linguagem. Segundo Ana Mae Barbosa (1998):

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade, é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as do que estão aprendendo com estas imagens (Barbosa, 1998, p. 17).

A autora lança um olhar diante da ubiquidade da arte em nosso cotidiano, seja nos outdoors, na arquitetura, vitrines, programas de TV, jornais e revistas, monumentos, internet, igrejas, terreiros, praças, videoclipes, moda, propaganda, cinema e diversas outras produções humanas, é possível afirmar que a arte, tanto nas obras primas quanto nas criações mais utilitárias, se configura como uma narrativa que relata aspectos das histórias de indivíduos e coletividades, povos e nações, culturas e civilizações. Ela desempenha um papel fundamental na comunicação, preservação e celebração das identidades e experiências humanas ao longo do tempo.

A ideia é de uma leitura que não seja apenas formal em termos de linha, cor, espaço etc. Mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora do ponto de vista social. A contextualização é fundamentalmente descolonizadora, pois trata de levar a ver além do objeto e da imagem, perceber suas conexões com a cultura na qual foi produzida pelo olhar de leitores distintos, em diferentes tempos. Um currículo que incorpore atividades artísticas, história da arte e análise de trabalhos artísticos atenderia às necessidades e interesses das crianças, ao mesmo tempo em que respeitaria os princípios da disciplina, seus valores, suas estruturas e sua contribuição específica à cultura. Assim, seria possível equilibrar as duas principais teorias curriculares: a centrada na criança e a centrada na disciplina.

2.2 A EDUCAÇÃO ESTÉTICA PODE AUMENTAR AS POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS?



As vivências estéticas são experiências libertadoras, viabilizam escolhas, possibilitam construção e invenção. Segundo Cunha (2012), crianças e adultos artistas insistem em modificar a ordem estabelecida em sua realidade, na qual compartilham um pensamento correlato ao perceberem e darem sentido ao mundo por meio de formas singulares. Além disso, utilizam seus sentidos de forma mais apurada que a maior parte dos adultos e jovens que vão deixando de explorar esta capacidade de ver, imaginar e simbolizar, o que acontece por muitas razões e ações educativas equivocadas, falsas concepções sobre o fazer artístico e a falta da inclusão da arte de maneira efetiva durante toda a vida escolar. A partir dos cinco anos de idade a criança vai abandonando seus abundantes processos de elaborar temas poéticos, colocam de lado as tintas, a musicalidade eventual, os movimentos corporais, as descobertas que se dão por meio da brincadeira e do faz de conta.

A introdução das brincadeiras é fundamental durante toda a educação infantil, embora alguns autores enfoquem o brincar como um processo imitativo relevante somente após os dois anos, compreendendo o período anterior como preparatório para o lúdico. O brincar desde o início da educação infantil é essencial para assegurar a cidadania infantil e a qualidade das ações pedagógicas. Para a criança, brincar é a principal atividade diária.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (2010), não se pode ponderar que a criança utiliza apenas a linguagem verbal para se comunicar. A criança tem muitas linguagens: o gesto, a palavra, o desenho, a pintura, as construções tridimensionais, a imitação e a música, todas são linguagens, que oferecem possibilidades para expressão lúdica.

As descobertas vão se dando a medida que as crianças utilizam "guias" ou roteiros para desenvolver o tema da brincadeira. Nas brincadeiras coletivas, como a de ser motorista, há um roteiro acordado entre as crianças: uma dirige o caminhão-cegonha que transporta carrinhos; outra, o caminhão-caçamba que transporta entulhos; e uma terceira, o carro de bombeiro. Embora todas estejam na categoria de motorista, cada uma desempenha uma função diferente, contribuindo para a expressão da situação imaginária, e todas se encontram no posto de gasolina para reabastecer. A linguagem verbal se expande nas brincadeiras imaginárias, especialmente na companhia de outras crianças e com a participação da professora. Atividades como brincar com tinta, preparar tintas com plantas e terra, e usá-las para expressar o prazer de misturar cores e representar objetos favoritos, as crianças gostam de fazer marcas para expressar sua individualidade, e as tintas são ferramentas essenciais para isso. Massinhas, argila, gesso e materiais para desenhar, pintar, fazer colagens e construções com diferentes objetos são



linguagens plásticas que proporcionam prazer às crianças.

A educação estética possibilita não só o apuramento da percepção e sensibilidade, mas a reflexão sobre os limites do ensino da arte segmentado, valorizado por recursos técnicos e padrões pré-estabelecidos. São questões históricas, sociais, culturais e afetivas que fazem com que a arte não tenha somente uma configuração estética e não esteja somente associada ao belo, ao encantamento, podendo ser o que toca, incomoda, o que golpeia os olhos e as emoções.

Compreende-se desse modo que a arte tem papel fundamental no desenvolvimento sensorial e cognitivo, possibilitando que o sujeito se conecte com suas emoções e com o ambiente de forma mais intensa. A observação de que a capacidade de ver, imaginar e simbolizar tende a diminuir à medida que as crianças crescem é uma crítica pertinente ao sistema educacional que frequentemente não valoriza suficientemente a expressão artística. O abandono precoce das práticas artísticas, como pintar, musicalizar e brincar, aponta para a necessidade urgente de reavaliar como a arte é integrada no currículo escolar. A inclusão da arte de maneira contínua e significativa pode combater a perda dessas habilidades e promover um desenvolvimento mais equilibrado e enriquecedor para crianças e jovens. Vivências estéticas são essenciais, sendo necessário rever nossas abordagens educacionais para garantir que a arte permaneça como parte vital da formação dos indivíduos.

Como as outras disciplinas do currículo, os conteúdos e planejamentos da arte deveriam conceber métodos que aspiram ao aprendizado. A arte, em conjunto com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar, pode contribuir significativamente para a formação da identidade do indivíduo. Nesse contexto, a principal função da arte como disciplina é promover no aluno o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da percepção do mundo ao seu redor, além de aproximá-lo da arte enquanto área de conhecimento. O Parâmetro Curricular Nacional (1998), afirma que:

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdo específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas (Brasil, 1998, p. 26).

Sendo assim, sem uma compreensão clara do papel da arte e sem uma base teórica consistente que a defina como uma área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores enfrentam dificuldades para construir um quadro de referência conceitual e metodológica que fundamentem sua prática pedagógica. A ausência de materiais adequados para as aulas práticas e de recursos didáticos de qualidade para apoiar as aulas teóricas agrava



ainda mais esse cenário, dificultando a efetividade do ensino da arte.

Para se aprender uma linguagem e se comunicar por ela, é preciso entender, interpretar dar sentido a esta linguagem, operar seus códigos, segundo Martins, Picosque e Guerra (1998):

A comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio da palavra. Muito do que se sabemos sobre o pensamento e os sentimentos das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, pintura, dança, cinema, etc. (Martins; Picosque; Guerra, 1998, p. 14).

A comunicação e a interpretação do mundo não se restringem à palavra escrita ou falada. Muitos dos nossos conhecimentos sobre como pensam e sentem outras pessoas, povos, países e determinadas épocas, foram adquiridos exclusivamente através de expressões artísticas como a música, o teatro, a pintura, a dança e o cinema. Essas formas de arte oferecem insights valiosos sobre diferentes culturas e períodos históricos, revelando aspectos significativos da experiência humana.

Ao se utilizar de seus diferentes materiais, como o desenho que é uma manifestação que possui a função de atribuir significado ao que se expressa e se constrói, a pintura que pode ser definida como a arte da cor, a modelagem (arte tridimensional) onde se busca explorar o tato, a sensibilidade ao toque e a manipulação de objetos, o recorte e a colagem que nos primeiros anos escolares desenvolvem a coordenação motora, noções espaciais e de superfície, pondera-se que a arte na educação tem o potencial de desenvolver diversas áreas do conhecimento, como a percepção visual e auditiva, a expressão corporal, a intuição, a imaginação, o pensamento analógico, concreto e holístico, além da reflexão. Este desenvolvimento fomenta a criatividade e atua como um importante estímulo para o aluno, especialmente para aqueles da educação inclusiva. Através da arte, esses educandos encontram uma via para explorar e aprimorar suas capacidades, promovendo uma educação mais inclusiva e rica em significados.

Para que o ensino de arte seja significativo e impactante, servindo como uma fonte de conhecimento duradoura para o indivíduo, é essencial que ele exerça uma de suas funções primordiais: preparar o indivíduo para viver em sociedade. Freitas (2004), citado por Loureiro (2023), argumenta que, se limitarmos a arte e seu ensino a uma definição restrita de "o que é arte", estaremos também restringindo seu papel na vida das pessoas. É necessário avançar para uma reflexão epistemológica, questionando o que não é arte, o que pode ser considerado arte, e buscando métodos para pesquisar e ensinar. Dessa forma, podemos proporcionar às pessoas que entram em contato com a arte a oportunidade de vivenciar experiências estéticas.



2.3 A ARTE COMO FERRAMENTA PARA UM AMBIENTE ESCOLAR VERDADERIAMENTE INCLUSIVO

A inclusão surge para romper as barreiras existentes no ensino de pessoas com necessidades educacionais especiais na escola regular, para incluir essas pessoas não só nas escolas, mas na sociedade. A arte pode oportunizar o aumento da capacidade de ação e de experiência da criança e desempenhar significativo papel no seu processo de desenvolvimento pessoal, pois possui uma natureza acolhedora que permite a existência simultânea de pensamentos e de diferentes formas de compreender o mundo. Assim de forma intrínseca a arte celebra a diversidade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

As manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares. Em contato com essas produções, o estudante pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e imaginativas, organizadas em torno da aprendizagem artística e estética. Ao mesmo tempo, seu corpo se movimenta, suas mãos e olhos adquirem habilidades, o ouvido e a palavra se aprimoram, quando desenvolve atividades em que relações interpessoais passam o convívio social o tempo todo (Brasil,1998 p.37).

A arte amplia a compreensão e a atuação dos alunos diante de problemas relevantes da sociedade atual, relacionados às ações de indivíduos para garantir a cidadania ativa e participativa na construção de uma sociedade democrática, incluindo as práticas artísticas. Na escola, a arte possibilita que os alunos exerçam suas co-responsabilidades em relação a uma vida cultural mais digna, sem exclusão por preconceitos de qualquer natureza.

Dentro do contexto da arte como facilitadora do processo de inclusão nas escolas, faz-se fundamental considerar diversos aspectos, dentre eles: primeiramente, se faz necessário que a diversificação do trabalho no ambiente escolar se concentre em atender às várias necessidades e potencialidades de todos os alunos em suas singularidades, pois as associações que o educando faz entre o real e o imaginário permitem que ele estabeleça significados concretos, construindo seu próprio conhecimento de maneira significativa. Esse processo educativo possibilita que o aluno se forme e se transforme em um ser pleno e integral, favorecendo não apenas seu desenvolvimento acadêmico, mas também seu crescimento pessoal e social.

A Escola Inclusiva exige transformações, novas perspectivas e abordagens para enfrentar os desafios inerentes à inclusão. Ao integrar a arte ao ambiente escolar, abre-se um leque de oportunidades para o reconhecimento e valorização da diversidade. A arte proporciona novos meios de promover a inclusão tanto dentro, quanto fora da escola, valorizando diferentes formas



de pensamento e convivência na sociedade. Ela também oferece uma plataforma para que aqueles que ainda não tiveram a chance de criar, sentir e compartilhar experiências artísticas possam finalmente fazê-lo, dentro do contexto múltiplo e diversificado da nossa cultura.

Segundo Maclean (2008), a proposta de inclusão escolar se movimenta também pelo caminho do ensino da arte, pois além de fazer parte da grade curricular, a arte pode ser uma alternativa à renovação, a criatividade, a liberdade de fazer que a educação inclusiva carece. Através da arte é permitido se comunicar de diferentes maneiras e ao mesmo tempo de forma única, peculiar, dinâmica, que se afasta dos padrões de comunicabilidade. A arte possibilita dizer o que se pensa sem fazer uso de nenhuma palavra.

Alunos que tem necessidade de atendimento educacional especializado, tendem a aprender melhor em ambientes integradores. A interação com outras crianças em um ambiente adaptado para suas necessidades, lhes oferece experiências significativas e condições adequadas para a construção do aprendizado, isso resulta em um desenvolvimento mais eficaz do que em ambientes segregados.

Mais do que simplesmente incluir alunos com necessidades especiais nas escolas regulares, a educação inclusiva promove uma escola melhor e mais acessível para todos, independentemente de se tratarem de crianças “especiais”. A proposta central da educação inclusiva é tratar todos os membros do ambiente escolar como sujeitos e cidadãos, e não como deficientes ou incapazes de aprendizado e de convivência social.

Existem escolas que optaram pela experiência de adotar o "coensino" (co-teaching), neste modelo, um professor de educação regular e um professor de educação especial trabalham juntos em sala de aula, todos os alunos, independentemente de suas necessidades, beneficiam-se de uma abordagem mais personalizada e inclusiva.

Mantoan (2015), aponta que em escolas onde foi adotado o coensino, foi observado que alunos sem necessidades especiais desenvolveram maior empatia e habilidades sociais ao interagirem e colaborarem com colegas com necessidades especiais. Além disso, a diversidade de estratégias de ensino empregadas para atender a todos os alunos melhorou a compreensão e o desempenho acadêmico de toda a turma.

Se faz importante ressaltar que a inclusão é uma prática social que transcende os limites da escola. Ela se aplica a diversos aspectos da vida, incluindo o trabalho, a cultura, a família, o lazer, e está presente tanto nas atitudes dos outros, quanto nas próprias atitudes dos indivíduos com deficiência. Ou seja, a inclusão se configura como um princípio fundamental que deve ser incorporado em todas as esferas sociais, promovendo um ambiente mais justo e equitativo para



todos. Assim, uma educação que utiliza a arte como ferramenta torna-se um processo dinâmico e contínuo, fundamental para integrar e interagir de maneira espontânea e abrangente na aprendizagem de todos os alunos.

3 (RES)SIGNIFICAR PELO OLHAR DA ARTE: AS TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO ESPECIAL

Ao longo dos anos, a inclusão tem ganhado espaço na sociedade, fruto de ações e reflexões inéditas sobre os conceitos que permeiam a educação especial em nosso meio social. Para que a inclusão de pessoas com deficiência seja efetiva, é essencial que haja respeito pelas diversidades de cada indivíduo. É preciso reconhecer o quanto atitudes preconceituosas, baseadas na segregação de pessoas com deficiência, foram e são prejudiciais. Por muito tempo, a sociedade enxergou a deficiência como um defeito principal, uma visão separatista que trouxe inúmeros prejuízos aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Para Ricieri e Santos (2015), assim, inicia-se um processo contínuo de reconfiguração, adotando um novo modelo pedagógico e social como padrão, focado nas necessidades das pessoas com deficiência e libertando-os de uma educação inferior e segregada. Neste contexto, pessoas com deficiência passam a ter oportunidades reais de inclusão tanto na sociedade acadêmica quanto no mercado de trabalho.

Escolas e universidades que implementaram programas de apoio para alunos com deficiência, proporcionando-lhes recursos e adaptações necessárias para seu sucesso acadêmico e social, oferecendo serviços como tutoria personalizada, tecnologias assistivas, e adaptações de provas e aulas. Esses recursos garantem que os alunos com deficiência possam participar plenamente das atividades acadêmicas e sociais, promovendo uma experiência inclusiva.

Como resultado, esses alunos conseguem concluir seus estudos, e se tornam mais bem preparados para ingressar no mercado de trabalho. Empresas que valorizam a diversidade e inclusão procuram esses profissionais, reconhecendo suas habilidades e potencial, o que promove oportunidades reais de inclusão no ambiente profissional.

O conceito de deficiência e a inclusão de estudantes em escolas regulares têm impulsionado mudanças expressivas na educação escolar e no processo de ensino e aprendizagem desses alunos. Essas mudanças refletem-se em modificações na concepção do currículo, nos métodos de ensino, na formação dos professores e de maneira significativa, na



prática docente cotidiana.

Considera-se que a escola deve ser um espaço onde todos tenham as mesmas oportunidades, buscando abandonar rótulos e classificações, e levando em conta as possibilidades e necessidades das pessoas com deficiência. Considera-se que a arte pode ser utilizada para promover a interdisciplinaridade na sala de aula, tornando o aprendizado mais prazeroso e interessante, além de contribuir para o desenvolvimento social e intelectual dos alunos. O processo de aprendizagem é vasto, abrangendo aspectos afetivos, orgânicos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos e outros. Esse processo envolve o aluno, o professor, a escola, a família e a sociedade como colaboradores. É essencial que todos compartilhem o mesmo objetivo, que é o aprendizado do indivíduo, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada um, reconhecendo suas particularidades e individualidades.

Ao investigar a relação entre a arte e a inclusão, é fundamental destacar como essa relação se manifesta na prática pedagógica. É importante apontar os fatores que envolvem a pessoa com deficiência em um processo de interação ativa durante o ensino-aprendizagem, salientando a importância de não subestimar suas capacidades e habilidades, mas sim, de confiar e valorizar o educando.

Escolas podem se utilizar de atividades de artes visuais onde todos os alunos, independentemente de suas habilidades, tenham que participar da criação de um mural coletivo. Cada aluno pode contribuir com uma parte do mural, expressando sua criatividade e trabalhando em conjunto com os colegas. Alunos com necessidades educacionais especiais podem usar diferentes materiais e técnicas adaptadas às suas capacidades, recebendo incentivo e o apoio de professores e colegas.

Essa prática além de valorizar as diversas formas de expressão artística, também promovem a interação, a colaboração e a compreensão mútua entre os alunos, criando um ambiente inclusivo e acolhedor. Ajudando a fortalecer a autoestima e a confiança dos alunos com necessidades especiais, ao verem suas contribuições valorizadas e integradas ao trabalho coletivo.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para educação infantil (1998), o professor deve se utilizar e oferecer diversos recursos dentro dessa prática. Por exemplo, no campo das artes visuais, o professor pode explorar múltiplas ferramentas dessa linguagem específica, como a pintura, a construção de móveis, dobraduras, modelagem. É necessário descobrir os valores dessas atividades e apresentar aos alunos um novo mundo cultural e social por meio da disciplina artística.



Para se utilizar dessas formas de expressões artísticas o professor pode planejar uma semana temática de artes visuais em que cada dia é dedicado a uma técnica específica: Em um dia, as crianças utilizam pincéis, esponjas e os próprios dedos para explorar diferentes tipos de tinta e técnicas de pintura. No dia seguinte, o professor guia as crianças na criação de móveis utilizando materiais recicláveis, papéis coloridos e objetos leves que podem ser pendurados. Outro dia pode ser dedicado à arte de dobraduras, onde as crianças aprendem a criar figuras utilizando papel colorido e seguindo instruções simples. Por fim, o professor pode introduzir atividades de modelagem com massinha, argila ou outros materiais moldáveis, permitindo que as crianças experimentem e criem formas tridimensionais.

Reconhecer a diversidade inerente ao ser humano implica a utilização de diferentes abordagens pedagógicas no ensino da arte, de modo a planejar ações educativas que sejam adequadas à realidade de cada aluno. Além disso, é necessário trabalhar com a diversidade dos alunos, respeitando e valorizando suas diferenças. No contexto do ensino da arte, a diversidade de interesses dos alunos torna-se evidente na sala de aula, revelando suas preferências, gostos e interesses por diferentes linguagens artísticas.

Para Ricieri e Santos (2015), o ensino de arte integrado à educação inclusiva promove um desenvolvimento global. A arte oferece aos alunos uma realidade alternativa, na qual o educador tem a liberdade de interagir e envolver os alunos com deficiências de maneira mais significativa. Isso permite que os alunos participem de uma nova proposta social, onde podem desenvolver sua capacidade criativa através de práticas artísticas. Esse processo direciona os alunos da educação inclusiva, para um método de desenvolvimento e progresso cognitivo. Através dessas experiências, os alunos são capazes de formar conceitos a partir das ações vivenciadas no seu entorno. Esse processo, por sua vez, influencia a maneira como refletem e agem em relação a si mesmos e à coletividade.

Em uma atividade teatral, é possível ter um ambiente onde os alunos podem interpretar personagens e cenas que refletem questões do seu cotidiano, ajudando-os a formar conceitos e a compreender melhor o mundo ao seu redor.

A arte e a cultura podem ser utilizadas como mecanismos de inclusão social, através do aprendizado ou do consumo. Assim, incluir a arte e a cultura na formação dos indivíduos é crucial para a construção cultural e social, pois elas despertam nas pessoas a possibilidade de expressarem seus sentimentos e construir sua própria identidade. No entanto, nem todas as pessoas têm acesso a ambientes culturais, seja por viverem em locais periféricos, pela centralização da arte ou por serem de baixa renda. O desenvolvimento do conhecimento da arte



pode ser melhor explorado na formação educacional, como uma área do conhecimento capaz de transformar, agregar e compor novos valores e conhecimentos na formação dos alunos. A arte e a cultura, quando desenvolvidas no ambiente escolar, podem contribuir para a redução (ou até mesmo erradicação) da discriminação, desigualdade e preconceitos.

4 PRÁTICAS POSSÍVEIS, OLHARES ATENTOS: POR UMA EDUCAÇÃO REALMENTE INCLUSIVA

Para Pereira, (2008), ao se romper com as práticas pedagógicas tradicionais, a educação inclusiva se transforma em um grande desafio aos educadores. Não é fácil refletir sobre modos diferentes de estruturação de planos de ensino e avaliações que se adaptem as condições distintas de aprendizagem. E esta dificuldade perpassa no processo formativo dos professores. Os espaços de formação precisam propiciar o exercício do estudo com base nas discussões e reflexões teóricas da arte como ferramenta pedagógica. Futuros professores de arte precisam ser preparados para um exercício diário de reflexão e estágios onde possam viver a realidade inclusiva, de forma que expanda o sentimento de segurança e assertividade do professor para lidar com esses alunos. Trabalhos artísticos que envolvam coletividade favorecem a participação de alunos de diferentes níveis de desenvolvimento, possibilitando expor seus pensamentos, sentimentos e se relacionar com o mundo e com os outros por meio de uma aprendizagem colaborativa.

Um currículo que se concentra essencialmente em conteúdos conceituais e aspectos mais acadêmicos, com sistemas de avaliação baseados em um padrão normativo uniforme para todos, tende a prejudicar alunos com dificuldades de progresso nesses âmbitos. Currículos mais equilibrados, que valorizam igualmente o desenvolvimento social e pessoal e avaliam os alunos com base em seu progresso individual, facilitam a integração dos estudantes.

Inclusão é um termo amplamente utilizado como sinônimo de integração de alunos com deficiência no ensino regular, perpetuando assim, a vinculação desse conceito à educação especial. Pela quantidade de debates presentes nos fóruns de discussão acadêmicos e na literatura, pode-se considerar que definir o termo inclusão poderia parecer uma tentativa ultrapassada. Embora existam pequenas divergências, é possível afirmar que já há um consenso conceitual sobre o significado de inclusão. No contexto educacional, a prática da inclusão estaria ligada à ideia de aumentar a participação de todos os alunos, sem exceção, na vida curricular e escolar.



O desenvolvimento humano é de natureza social, ocorrendo em interação com o ambiente e seus elementos. O corpo humano está constantemente recebendo, decodificando e expressando informações. Essa expressão é moldada pelos valores culturais prevalentes e aceitos em nossa época. A arte se relaciona constantemente com a realidade objetiva, este entendimento possibilitaria que Vigotsky (1999), pontuasse que a arte está intimamente atada a vida, as relações sociais de determinado tempo, o que não faz com que a obra de arte seja um retrato fiel da realidade objetiva. O autor aponta que a arte transforma o material expressivo que se utiliza em sua complexidade e valor, a arte também parte das experiências e materiais da vida cotidiana para criar algo novo e mais significativo.

A arte está para a vida como o vinho para a uva- disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (Vigotski 1999, p. 308).

Nesta concepção da relação da arte e da vida, tornando a arte um trabalho humano, Vigotsky rechaça as explicações místicas e religiosas que eram dadas a arte, pontuando que ela não se dá por meio divino, celeste, e sim por uma ordem essencialmente humana, como seus impactos só podem ser realizados e elaborados no corpo humano.

Vigotsky (1999), refuta a colocação de outros pensadores da época e afirma que a arte não transforma somente o humor imediato dos sujeitos, mas determina sentimentos e outras capacidades humanas. Neste sentido a arte pode ser compreendida como produto cultural, moderador entre o indivíduo e o gênero humano, esta mediação não se dá de forma mecânica, nem passiva, é necessário que exista relações sociais junto ao fruidor e estas mediações podem ser feitas pelo professor, pela psicologia que usa a arte como instrumento de desenvolvimento de funções psicológicas e da personalidade, o que se chama hoje arteterapia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos seres capazes de criar e esse processo de criação nos permite adquirir meios para compreender o mundo, modificá-lo e assim compreender e transformar a nós mesmos.

O ensino de artes permite com que o indivíduo cresça de forma completa, aprenda a expressar sua visão do mundo que o cerca de forma coerente com sua cultura, seu meio e sua história. Possibilita seu desenvolvimento afetivo, motor, cognitivo. Oferece oportunidade de criar, reinventar, inventar, possibilitando a formação de um cidadão consciente e crítico.



Foi um árduo caminho ao longo da história para que a arte fosse reconhecida como ciência e tivesse seu ensino garantido nas legislações vigentes, ainda que não completamente compreendida da forma ideal, está presente no âmbito escolar e ainda trilha um caminho de pedras. Juntamente com o entendimento da criança como ser cultural, sua conquista de um lugar na sociedade e na construção de seu conhecimento, a arte passou a ser objeto de estudo e teve sua importância reconhecida, fundamentada em estudos de vários teóricos, passando a ser vista como instrumento fundamental no desenvolvimento individual e das subjetividades, no auxílio aos processos cognitivos, afetivos e motores.

Atualmente, o desafio das escolas é se adaptar à diversidade de valores, interesses, necessidades e ritmos de aprendizagem dos estudantes. Tal adaptação é necessária para construir um novo conceito de processo ensino-aprendizagem, que elimine definitivamente qualquer caráter segregacionista. O objetivo é garantir que todos os alunos que, por direito, fazem parte deste processo, sejam plenamente incluídos.

Portanto, abordar a inclusão escolar requer a inserção incondicional, completa e sistemática de alunos com deficiência nas classes regulares, o que constitui um avanço significativo na história da educação no Brasil, especialmente no que tange ao movimento inclusivo. É na escola, e através da educação, que crianças e jovens devem encontrar a oportunidade de vivenciar e internalizar valores. A escola se estabelece como uma das mais importantes vias de acesso à cidadania, desde que esteja comprometida com princípios e comportamentos éticos fundamentais.

A arte tem papel essencial nos processos inclusivos, pois em suas várias linguagens e materiais, possibilita a expressão, a comunicação com o meio, possui característica plural e inovadoras que perpassa as convenções de pensamento e as fronteiras da linguagem escrita e verbal. Tem inúmeras formas de representação do mundo e de correlação social, o que confere a ela um potencial de inclusão, que permite o sujeito se expresse de modo peculiar, fecundo e não padronizado.

É preciso que a escola intervenha na realidade da sociedade e não somente a reproduza. Para que isso ocorra, é necessário que a escola ponha em prática a legislação já existente, repense seus conteúdos e reforce o sentido de conceber o aprendizado como ferramenta na formação de cidadãos críticos. As intervenções artísticas devem fazer parte da rotina escolar oportunizando novas formas de compreensão do mundo, visto que sentir e entender não sejam contraposições e sim concordâncias.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares de Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2016.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF.
Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.
Acesso em: 27 set. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069/90, Brasília: 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394/96, Brasília: 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Secretaria de Educação Especial/-Brasília-DF. 2008.

CORRÊA, A. D.; NUNES, A. L. R. (Org). **O ensino das artes visuais**: Uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: 1º Ed. UFSM, 2006. CUNHA, Suzana Rangel Vieira da, LINO, Dulcimarta Lemos... [et al]. **As artes no universo infantil**. 2º ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida (Org). **Arte e educação especial na perspectiva da inclusão**: possibilidades de viver, ensinar e aprender. Editora Escola Cidadã, Contagem, Minas Gerais. 2023.

MACEDO, Neuza Dias de. **Iniciação à Pesquisa Bibliográfica**: Guia do Estudante para a Fundamentação do Trabalho de Pesquisa. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar O que é? Por que? Como Fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MACLEAN, J. **The art of inclusion**. *Canadian Review of Art Education: Research and Issues*, v. 35, p. 75-98, 2008.

MARTINS, Mírian Celeste Ferreira Dias, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo. Ed.FTD. 1998.

Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.
Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte**: sentidos e práticas possíveis. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 5ªed. Petrópolis, Edit. Vozes. 1986.

PEREIRA, Jacira Helena do Valle; CINTRA, Rosana Carlas Gomes Gonçalves. **Educação Infantil, Cidadania e Educação Inclusiva**. Cuiabá: EdUFMT, 2008.

RICIERI, João Guilherme Barreto Prandini; SANTOS, Mateus Mito dos. **A arte inclusiva e a inclusão da arte**: alguns apontamentos. Revista da Fundarte. Santa Catarina, v.15, n.29, jan./jun. 2015.

VIGOTSKI, L S.h.A. R; LURIA – A. N. LEONTIEV, **Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem**. 10ª Ed - São Paulo: Scipione, 2017.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.